

O TRABALHO, OS SABERES E O SUJEITO: UM ESTUDO SOBRE A PERPETUAÇÃO DO ARTESANATO EM PEDRA SABÃO

THE WORK, THE KNOWLEDGES AND THE SUBJECT: A STUDY OF THE PERPETUATION OF SOAPSTONE CRAFT

Tays Torres Ribeiro das Chagas¹

Raoni Rocha Simões²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a atividade artesanal em pedra sabão. A escolha se deve ao fato dos produtos a ela relacionados apresentarem expressividade social e econômica, além de serem uma manifestação cultural secular na região de Ouro Preto, Minas Gerais. Nas oficinas artesanais, observa-se que a penosidade, a insalubridade e a precarização das condições de trabalho estão presentes, além dos problemas econômicos relacionados com o alto custo da matéria prima e com as dificuldades de venda dos artefatos produzidos. Assim, buscou-se entender, mediante as dificuldades vivenciadas pelos artesãos, o movimento de saída e retorno para os trabalhos com a pedra, e, portanto, compreender sua perpetuação nas atividades artesanais. Dessa forma, com ajuda da teoria fundamentada nos dados, identificou-se o processo de aprendizagem como fator central para a consolidação dessas relações e para o sentimento de pertencimento à localidade, ao ofício e à própria pedra.

Palavras-chaves: Trabalho artesanal, Processo de aprendizagem, Saber-Fazer, Pedra sabão.

ABSTRACT

This study describes a study on craftsmanship with soapstone. Our choice stems from the fact that this production has a significant social and economic impact, in addition to being a secular cultural manifestation in the region. In such spaces, working conditions are painful and precariousness and insalubrity is present, in addition to economic instability related to the high cost of the raw material and the difficulties of selling the produced artifacts. Thus, we aimed to understand the dynamics behind their exile and return to work with stone and, therefore, to understand perpetuation soapstone crafts. Therefore, we suggest that the learning process of the craft configures a central factor for consolidating these relationships and, therefore, the sense of belonging to the locality, to the craft, and to the Stone.

Keywords: Artisan work, Soapstone, Know-How, Learning process.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho, enquanto *locus* de construção de saberes, desempenha um papel essencial na (re)criação da identidade individual e na transformação do ambiente que nos rodeia. Cada indivíduo, ao se engajar no trabalho, torna-se um centro dinâmico de atividade, buscando

¹ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professora adjunta do departamento de Engenharia de Produção (UFOP). Doutora em Administração de Empresas (FGV-SP). E-mail: tays.chagas@ufop.edu.br

² Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor adjunto do departamento de Engenharia de Produção (UFOP). Doutor em Ciências Cognitivas (Instituto Politécnico de Bordeaux). E-mail: raoni@ufop.edu.br

assimilar e se apropriar do ambiente em que está inserido, em vez de ser uma entidade isolada e dissociada de suas aspirações e ambições mais amplas na vida (SCHWARTZ, 2011).

Assim, a interligação entre as esferas profissional e pessoal torna-se inextricável, uma vez que constituem uma entidade indivisível e essencial. A relação entre o indivíduo e seu trabalho é permeada por um conjunto de elementos, incluindo conhecimentos adquiridos, experiências vivenciadas, valores internalizados e histórico pessoal. Esses componentes se manifestam por meio de aspirações, desejos, motivações e necessidades psicológicas, as quais são moldadas pela história do indivíduo, atribuindo características únicas e pessoais a cada um deles (DEJOURS et al., 2007).

Diante da importância do trabalho na vida das pessoas, pretendeu-se estudar, nesta pesquisa, a atividade laboral dos artesãos da pedra sabão, a qual está presente na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, e é reconhecida como patrimônio cultural da humanidade, e que abriga um vasto acervo cultural, incluindo além da pedra, diversos produtos artesanais fabricados por famílias nos distritos da região. Esses produtos artesanais têm forte vínculo com o turismo, o qual desempenha um papel econômico significativo na área e é crucial para a subsistência dos artesãos locais.

A atividade artesanal com a pedra sabão, a qual não se organiza nos moldes capitalistas da sociedade contemporânea, e tem o artesão como detentor dos meios de produção e dos saberes que envolvem todas as etapas do processo produtivo, foi selecionada devido à sua relevância social e econômica, bem como por sua representatividade enquanto uma manifestação cultural secular na região.

Entretanto, é possível observar que os espaços em que as atividades artesanais com a pedra sabão são realizadas estão permeados por situações de penosidade, insalubridade e precariedade. É evidente que as jornadas de trabalho são longas, nas quais muitos artesãos enfrentam condições adversas, sem proteção adequada contra as intempéries, e há ocorrência de doenças relacionadas às atividades desenvolvidas. Entre essas doenças, destacam-se os problemas decorrentes de tarefas repetitivas e da exposição à inalação e contato da pele com o pó da pedra sabão, que é um subproduto gerado durante a confecção dos artefatos.

Nessa perspectiva, pretendeu-se estudar, com ajud'a da teoria fundamentada nos dados, o que motiva os artesãos da pedra sabão a perpetuarem suas atividades mesmo sob condições adversas de trabalho. Para isso, foram realizadas observações quanto ao cotidiano de trabalho, bem como duas fases de entrevistas. Na primeira delas, o objetivo foi compreender a construção dos saberes e do *modus operandi*, as dificuldades vividas e as formas de enfrentá-las. Na fase seguinte, procurou-se compreender até onde o trabalho artesanal na pedra sabão é uma escolha. Portanto, foi necessário entender o movimento de saída e retorno dos artesãos para as atividades com este material, movimento cíclico que se repete a cada nova geração e que se relaciona com o desejo de continuarem nesse labor.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O trabalho desempenha um papel fundamental na formação e expressão da identidade individual e coletiva das pessoas. Ele possibilita o desenvolvimento de uma caracterização profissional e a inserção em determinados grupos sociais e culturais, contribuindo com a definição de quem somos, tanto para nós mesmos quanto para os outros (COUTINHO et. al., 2007). Assim, considerando que a identidade é uma construção complexa e multifacetada, influenciada por diversos fatores, incluindo experiências sociais, culturais e pessoais, temos no trabalho a possibilidade de construir essa individualidade, forjando significados e reconhecimento social (HALL, 1992).

No que se refere ao trabalho artesanal, sabe-se que ele se configura conforme uma atividade repleta de identidade tanto com o *labor* quanto com a matéria prima, com tradições e saberes geracionais que são repassados nos núcleos familiares, e no qual tem-se o fazer humano bem realizado e com forte engajamento corporal-moral-afetivo (DAVEL et al., 2012). Por isso, o trabalho artesanal é considerado ao mesmo tempo um conceito e uma prática, proporcionando ao homem a dialética de transformar a matéria e de se transformar nela, vendo-se na matéria transformada e se auto realizando. Cada obra de arte ou artefato produzido tem uma individualidade, impossível de ser obtida com a produção industrial, pois reconstrói e reproduz a cultura e a tradição de um povo.

Observa-se que na atividade artesanal existe a possibilidade de realização e o estabelecimento do sujeito como ser ativo e responsável pela própria construção de identidade, sendo esse ofício uma atividade que confere aos artesãos satisfação e sentido naquilo que produzem (SANTOS et al., 2011). Para Fischer e Soares (2010), a definição da atividade artesanal está relacionada a critérios, por exemplo, a paixão criativa, a aptidão básica manual, a liberdade de criação, o autodesenvolvimento com o aperfeiçoamento da peça em termos estéticos e técnicos, e à íntima relação com a própria atividade, a cultura, a localidade, a matéria prima e o lazer.

Chiti (2003) contribui para a discussão, mostrando que a conceitualização do trabalho artesanal abrange não apenas a atividade em si, mas também as características essenciais dos objetos que definem o artesanato. Segundo o autor, essa prática requer manualidade, funcionalidade, utilidade e aplicação prática, bem como seriação limitada devido à produção manual. Além disso, é necessário haver uma intenção estética e decorativa em conjunto com a perdurabilidade e a tipicidade, que é uma característica essencial, na qual a história, tradição e cultura estão incorporadas aos objetos.

Torna-se importante mencionar que essa relação entre a cultura popular local e o artesanato reforça sua relevância em representá-la, contribuindo para a identidade de uma determinada localidade. Ao relacionar o trabalho artesanal com o lazer, Oliveira, Cavedon e De Figueiredo (2012) mostram que a esfera do trabalho se confunde com a esfera do ócio. Assim, o artesanato é muitas vezes citado como distração, embora seja uma atividade repleta de riquezas e saberes.

Até 2015, a atividade artesanal era considerada não profissional, caracterizando-se como uma ocupação. Entretanto, em outubro desse mesmo ano, foi sancionada a lei nº13.180, que regulamentou o trabalho artesanal, o qual deixou de ser considerado uma ocupação e passou a ser legalmente identificado conforme uma profissão. Essa lei definiu uma política específica para os artesãos, no âmbito da União, definindo diretrizes básicas que valorizem a identidade e as culturas nacionais, linhas de crédito, integração da atividade com outros setores, qualificação permanente, dentre outros.

Apesar disso, observa-se que ainda existe a visão dessa atividade apenas como ocupação, o que afasta seu viés de profissionalização e reforça o olhar preconceituoso sobre ela (CARVALHO, 2016). No trabalho artesanal, assim como nas outras profissões, existem diretrizes para o desenvolvimento de competências específicas, que ocorrem durante o processo de aprendizagem social, no qual os artesãos estão inseridos (FERREIRA et al., 2016), conferindo-lhes as qualificações necessárias para esse ofício.

2.1 A ATIVIDADE ARTESANAL E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

A Constituição da República de 1988 garante ao trabalhador o direito ao adicional de penosidade, relacionado a algum tipo de sofrimento físico ou mental, sobre o qual ele não tem controle (SATO, 1993), e que gera prejuízo ao desempenho das atividades laborais e à saúde.

Assim, os critérios de penosidade estão atrelados às condições de conforto, as quais se relacionam “à obrigação rígida para se realizar uma tarefa, o que reduz suas possibilidades de construção e manutenção da saúde, gerando efeitos fisiológicos, cognitivos, afetivos ou sociais para o trabalhador” (ASSUNÇÃO & LIMA, 2003, p. 02).

Entretanto, a busca pelonexo causal do adoecimento dos trabalhadores normalmente restringe-se ao conceito de insalubridade, o qual é regulamentado pela Norma Regulamentadora nº 15, que define as atividades insalubres como aquelas consideradas penosas ao trabalhador, cujos danos se prolongam ao longo da vida, enquanto ele se expõe a determinados fatores tais quais ruídos, produtos químicos, agentes biológicos e químicos, poeiras minerais, temperatura (calor ou frio extremos), entre outros. Observa-se que ocorre, portanto, a possibilidade de sobreposição entre os conceitos supracitados, limitando as análises e dificultando as caracterizações.

Na atividade artesanal, a organização do trabalho é atribuída ao próprio artesão, que exerce controle sobre o ritmo do exercício, as tarefas a serem executadas, as pausas durante a jornada de trabalho, o controle de qualidade dos produtos e a resolução de desafios e obstáculos. Observa-se que, apesar do trabalho físico ser frequentemente cansativo, em termos do tempo necessário para a produção de um artefato, das limitações das ferramentas utilizadas, do espaço físico precário das oficinas e da postura do artesão, que muitas vezes trabalha em pé ou sentado sobre a própria matéria-prima, essas características não são entendidas como algo penoso para estes trabalhadores.

Determinado trabalho pode ser classificado como perigoso ou apresentar condições de higiene inadequadas, porém não necessariamente ser percebido como penoso por aqueles que o realizam. No contexto do trabalho artesanal, há um prazer intrínseco à atividade, relacionado à possibilidade de criação e ao controle acerca do próprio conhecimento prático. Portanto, nesse contexto, os ambientes de trabalho são mais frequentemente caracterizados como insalubres do que como penosos (CHAGAS, 2018).

Um aspecto relevante a ser considerado é o surgimento da divisão do trabalho nas oficinas artesanais, o que leva à especialização em etapas distintas do processo e à consequente descaracterização do artesanato, devido à perda do conhecimento abrangente do ofício, resultando na desconexão entre o saber e o fazer e instaurando uma confusão entre a atividade artesanal e a manufatura (MATSUSAKI, 2016).

Assim, torna-se importante considerar as transformações que vêm ocorrendo nas atividades artesanais, uma vez que a divisão de tarefas é inadequada ao trabalho artesanal, pois reduz os aspectos sociais e os processos criativos que estão intrinsecamente ligados a essa prática. Isso direciona a atenção do artesão exclusivamente para o trabalho, excluindo-o do convívio social, da construção de uma identidade com o artefato produzido e das inúmeras possibilidades criativas (MATSUSAKI, 2016). Conforme argumentado por Magalhães (1985), esse processo pode estar relacionado à imposição de aumento de produtividade e competição com produtos industrializados, o que pode resultar na perda das características essenciais do artesanato.

É pertinente destacar que a oficina de trabalho desempenha um papel fundamental nas atividades artesanais, configurando-se como um espaço social de grande relevância tanto no passado quanto no presente. Esse ambiente de trabalho promove a coesão entre as pessoas por meio de rituais laborais, práticas de ensino, orientação mútua e intercâmbio de informações (SENNETT, 2009).

O processo de produção do artesanato em pedra sabão, que pode durar até 15 horas por dia e acontece nas oficinas domiciliares, apresenta riscos ocupacionais relacionados aos aspectos físicos – tais quais quedas, cortes, amputações, vibração, ruído, temperatura e umidade –,

químicos – como a exposição à poeira e a substâncias voláteis –, e aos riscos ergonômicos – como os movimentos repetitivos e posturas inadequadas (CASTILHOS et al., 2006). Além disso, as oficinas são construídas de forma precária nos quintais das casas, com a falta de um piso adequado, com grande depósito dos rejeitos deixados pela pedra sabão, teto e estrutura improvisados, maquinários rudimentares e a falta de um lugar apropriado para a execução do trabalho de manuseio da pedra.

Entretanto, os artesãos afirmam que tanto seus antepassados, quanto eles próprios, no caso dos mais velhos, não apresentam nenhum problema de saúde oriundo de suas atividades. Essa justificativa, por parte deles, perpassa pelo baixo índice de artesãos comprovadamente com problemas pulmonares oriundos do trabalho com a pedra, e também pela associação da idade avançada de seus parentes artesãos com o fato de não terem qualquer problema de saúde que advém da atividade artesanal: talcoose, pneumoconiose ou doenças relacionadas aos esforços repetitivos.

Uma pesquisa epidemiológica, realizada por Bezerra (2002), constatou que, dos 117 artesãos participantes, identificou-se 16 casos de talcoose, sendo cinco deles confirmados com ajuda de radiografias que mostraram a presença da doença, possivelmente talcoasbestose. A idade dos artesãos participantes da pesquisa variou de 12 a 68 anos. É importante destacar que a investigação se concentrou apenas nos artesãos da Mata dos Palmitos, que é um subdistrito de Santa Rita de Ouro Preto.

Ressalta-se que muitos desses artesãos não são donos dos locais de trabalho, sendo contratados como mão de obra para a execução de atividades manuais em outros espaços, assim como nos modelos fabris capitalistas, precarizando ainda mais as condições de produção. Além disso, mesmo considerando que a atividade já foi regulamentada, conforme a lei nº13.180/2015, muitos deles ainda estão na informalidade, isto é, sem acesso aos direitos legais e sociais básicos.

Outro ponto importante, de acordo com Salgado e Franciscatti (2011), se refere à demanda pelo aumento da produção artesanal, que reverbera na criação, tolhendo ou restringindo as possibilidades de transgredir, e culminando na necessidade de os artesãos formarem uma rede coletiva de trabalho para sobreviverem, como as associações, cuja própria existência já está, muitas vezes, imbuída de um pouco de morte do desejo de resistência de cada um deles. Em função disso, compromete-se cada vez mais as subjetividades e as possibilidades de criar, uma vez que se trata de um movimento fruto do incentivo e da valorização das cópias seriadas que atendem ao ideal de mercado.

Gargalos como a falta de conhecimento do mercado e das tendências de consumo, bem como a falta de inovação dos produtos e as dificuldades para alocação de preços e o baixo volume de produção, também contribuem ainda mais para fragilizarem a cadeia produtiva artesanal (PERALTA, 2005).

2.2 O PROCESSO CRIATIVO E O REPASSE DE SABERES NO TRABALHO ARTESANAL

A atividade de trabalho desempenha um importante papel na geração e desenvolvimento do conhecimento. Ao solicitar que o trabalhador articule seu saber por meio da linguagem, é comum que ele experimente um esforço intelectual significativo. Esse saber, quando sistematizado e constituído, desencadeia processos internos que têm o potencial de gerar novos saberes, resultando em um contínuo investimento no conhecimento (VERÍSSIMO, 2015).

Nesse sentido, o trabalho artesanal traz a dualidade do saber e da prática acontecendo de forma conjunta, uma vez que essa atividade é não somente um saber, um conhecimento em profundidade e o desenvolvimento de uma habilidade, mas também um exercício mental, no qual fazer é saber e fazer, trabalhando de forma constante e integrada (CHAGAS, 2018).

Para Sennett (2009), é importante adotar uma postura cautelosa em relação aos supostos talentos inatos e desprovidos de treinamento, uma vez que o desenvolvimento das habilidades depende da forma como a repetição é organizada. É crucial que o número de vezes em que uma peça é repetida não ultrapasse a capacidade de atenção do indivíduo em cada etapa. Além disso, o autor ressalta que, à medida que uma pessoa aprimora suas habilidades, ela modifica o conteúdo daquilo que está sendo repetido e amplia sua capacidade de sustentar a repetição. Desse modo, o processo de capacitação permite às pessoas aperfeiçoarem efetivamente suas práticas.

Na educação moderna, procura-se evitar o aprendizado repetitivo, considerando-o empobrecedor, sendo esse um ponto crítico da capacitação, pois a cabeça e a mão, o pensar e o fazer, não são separados apenas intelectualmente, mas também socialmente (SENNETT, 2009). Esse preconceito é enfrentado pelos trabalhadores manuais, os quais apresentam um vasto conhecimento tácito que não pode ser traduzido em palavras ou transformado em propostas lógicas.

Fischer e Soares (2010) contribuem para a discussão ao ressaltarem que a transmissão dos conhecimentos tradicionais no contexto do trabalho artesanal não deve ser considerada como algo espontâneo ou natural, mas sim como um processo que envolve aspectos pedagógicos e culturais específicos. Segundo os autores, os saberes envolvidos em cada etapa da produção artesanal são tradicionalmente transmitidos de geração em geração, destacando a importância do núcleo familiar como responsável por essa transmissão. São esses saberes, aliados ao domínio das habilidades manuais, que transformam as diversas matérias-primas em obras de arte e, ao mesmo tempo, expressam e preservam as manifestações culturais locais.

A relevância do núcleo familiar como elemento central no contexto do artesanato se faz necessária para uma compreensão mais abrangente dessa atividade. Nesse sentido, o artesanato se configura como uma comunidade de prática, na qual seus membros desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento e na transmissão dos conhecimentos artesanais. Além de serem espaços de aprendizado, os ambientes familiares são marcados por aspectos pedagógicos, culturais, e por práticas de cooperação, que contribuem para a formação da identidade dos indivíduos envolvidos.

É nesse contexto que os processos de aprendizagem ocorrem, permeados pela troca de saberes e pela interação entre os membros da família, proporcionando uma continuidade histórica e cultural na prática do artesanato (FERREIRA et al., 2016). Essa dinâmica familiar fortalece a transmissão dos conhecimentos tradicionais e contribui para a preservação das técnicas, saberes e valores culturais associados ao artesanato, tornando-se, assim, um importante elo de ligação entre as gerações e um pilar na sustentabilidade dessa prática artística.

O processo de repasse dos saberes que acontece nessas comunidades práticas são vivenciados tanto pelas crianças, os filhos dos artesãos, quanto pelos jovens aprendizes, os quais se engajam na busca por um conhecimento tácito, sendo aceitos de forma gradativa pelos demais (CHAGAS, 2018). Essa forma de participação é o que Lave e Wenger (1991) chamam de participação periférica legitimada, em que o sujeito, ainda incipiente nessa comunidade de prática, envolve-se com suas atividades socioculturais, mantendo contato com os integrantes mais antigos e se inteirando sobre as ações, identidades e produtos.

Assim, o processo da participação periférica legitimada possibilita que o indivíduo se insira naquele determinado grupo social por meio das mudanças de perspectivas e posições de poder, as quais vão se modificando com as trajetórias de aprendizado, com o desenvolvimento de identidades e com os posicionamentos do indivíduo enquanto participante daquele grupo (CHAGAS, 2018).

Sennett (2009) destaca a importância do diálogo lúdico que as crianças estabelecem com os materiais físicos durante a infância, assim como a assimilação gradual das regras que meninos e meninas aprendem ao longo do tempo, influenciando suas habilidades. O contato direto e as sensações táteis experimentadas ao utilizar determinadas ferramentas proporcionam ao aprendiz uma apreciação pela prática e a descoberta das possibilidades inerentes ao trabalho artesanal (SCHÖN, 2000). Nas oficinas de trabalho dedicadas à arte em pedra sabão, é comum a presença constante de crianças, que brincam com a própria pedra enquanto seus pais desempenham suas atividades, estabelecendo assim uma relação precoce com o material e possibilitando uma imersão gradual na prática artesanal.

Soares et al., (2009) destacam a importância dos ritos de passagem na transmissão dos conhecimentos no contexto do artesanato. Nesse sentido, o artesão-mestre, aquele responsável por repassar os saberes, torna-se um símbolo de pertencimento local e identificação com a atividade artesanal. Cada artefato produzido pelo mestre artesão carrega consigo uma história única, demonstrando o papel significativo da oralidade nessas comunidades. Essa tradição oral é essencial para preservar a riqueza dos saberes e garantir a continuidade das práticas artesanais, transmitindo não apenas as técnicas, mas também os valores culturais e a memória coletiva presentes em cada peça produzida.

No entanto, segundo os autores, existem detalhes de difícil verbalização, tanto que, ao fazer uso dos instrumentos, o aprendiz desempenha uma ação individual e própria sobre como reproduzir a peça da forma imaginada. Esse agir pode, em alguns casos, estar distante do caminho sugerido pelo artesão-mestre, o que torna os registros, como fotos ou desenhos, um importante recurso comparativo.

É então por meio do contato com o mestre-artesão que ocorre a troca de saberes e a transmissão intergeracional do conhecimento. Fischer e Soares (2010) destacam que essa transmissão está relacionada a uma noção de aprendizagem significativa, que envolve a interação entre um novo conhecimento e o saber prévio do aprendiz. Segundo os autores, esse processo de aprendizagem se baseia principalmente no que já é conhecido, envolvendo aspectos como a linguagem, que é predominantemente oral, a observação, os processos de imitação, a desconstrução e a reconstrução, que levam, por fim, ao desenvolvimento da expertise técnica.

O conhecimento dos artesãos, em grande parte, é tácito, ou seja, eles têm habilidades e sabem como realizar determinadas atividades, mas têm dificuldade em expressar esse conhecimento em palavras (SENNETT, 2009). Ribeiro (2013) destaca que existem diferentes abordagens para o aprendizado e a execução das atividades, podendo ser prescritivas ou baseadas na prática.

Na abordagem prescritiva, o foco está na escrita de padrões e métodos a serem seguidos, e o conhecimento pode ser manipulado, transmitido, armazenado e disponibilizado por meio da palavra escrita, entre outros meios. Já na abordagem baseada na prática, o foco principal está nas habilidades individuais desenvolvidas pelos artesãos, permitindo-lhes criar e aprimorar seus conhecimentos. Essas habilidades capacita-os a anteciparem problemas, lidarem

com as variabilidades e com os imprevistos que surgem durante suas atividades, o que sustenta a aplicação dos padrões e métodos estabelecidos. Nessa abordagem, destaca-se o aprendizado por meio da participação em comunidades de prática, conforme abordado por Lave e Wenger (1991). Uma vez imersos nessas comunidades, os artesãos adquirem uma maior autonomia para julgar e aplicar padrões e métodos de acordo com seu próprio critério, permitindo que proponham novas formas de trabalhar e criar.

Assim, os manuais e padrões são insuficientes por si próprios, mostrando a relevância do conhecimento tácito dentro de qualquer espaço de trabalho, além de ser socialmente acordado, modificado e transmitido; ele requer “imersão” para ser desenvolvido, ele tem “fronteiras”, que definem quem está dentro e quem está fora, quem é um membro e quem não é, quem foi socializado dentro dele e quem não foi (RIBEIRO, 2013).

Nas comunidades de prática, os objetos utilizados no trabalho artesanal representam um significado prévio, uma vez que são guiados por um repertório compartilhado entre os artesãos. No entanto, é importante ressaltar que o artesão detém uma capacidade criativa única, na qual o ato de manipular os materiais se insere em um campo altamente subjetivo. Esse processo envolve uma sensibilidade estética e motora, que varia de acordo com o repertório inicial do indivíduo e suas aptidões específicas (FISCHER; SOARES, 2010).

A construção do conhecimento no contexto do trabalho artesanal é um processo intrinsecamente social, como destacado por Ferreira et al., (2016). Esse tipo de aprendizagem, denominado de “aprendizagem social”, envolve uma compreensão profunda do trabalho artesanal, que vai além das habilidades técnicas: requer a compreensão das subjetividades do aprendiz e sua perspectiva individual, em que ele pensa e cria com as mãos como protagonista, interpretando e interagindo com o mundo por meio de sua própria visão.

De acordo com Soares et al., (2009), é por meio da prática, do fazer e da experiência vivenciada que ocorre a aprendizagem significativa no trabalho artesanal. O processo de aprendizagem está intrinsecamente ligado à ação e ao pensamento, que ocorrem de maneira inseparável. Nessa perspectiva, os autores ressaltam que a busca pela maestria no artesanato envolve a lógica da imitação, que é uma das formas mais comuns de aprendizagem social presente na produção artesanal.

Assim, Bandura (1977) apresenta um esquema composto por etapas que visam conceituar a imitação, ou o que ele denomina de “aprendizagem por observação”. Esse esquema é dividido em quatro fases distintas: atenção, retenção, reprodução motora e motivação. Segundo o autor, o processo inicia-se com a observação atenta de determinado comportamento, seguida pela retenção das informações obtidas. Logo após, o indivíduo tenta reproduzir o comportamento observado por meio de ações motoras. Caso essa reprodução seja bem-sucedida, inicia-se o processo de consolidação e posterior aprimoramento do conhecimento adquirido. De acordo com Bandura, o processo de aprendizagem por imitação se finda quando o sujeito consegue executar com confiança determinado comportamento que é esperado pelos outros e por ele. É o que o autor chama de sentido de autoeficácia.

Contribuindo com a discussão, Wenger (1999) argumenta que a participação social, entendida como a integração ativa nas práticas das comunidades sociais e na construção de identidades em relação a essas práticas, é um processo de aprendizagem que envolve quatro componentes fundamentais: significado, prática, comunidade e identidade. O significado refere-se à experiência vivida; a prática engloba as ações concretas realizadas no contexto

da comunidade, a qual representa o senso de pertencimento e de interação; e, por fim, a identidade, que envolve a transformação contínua do indivíduo por meio da sua participação e engajamento na comunidade. Esses quatro componentes estão ligados à natureza social dos indivíduos, e ao conhecimento que lhes permite vivenciar e se envolver significativamente com o mundo ao seu redor.

Ao pensar na aprendizagem, mediante a participação ativa do sujeito, temos diversos benefícios que ultrapassam a esfera individual, os quais se estendem para um coletivo e uma localidade. Esse foco na participação proporciona o engajamento dos indivíduos com as práticas da comunidade, permitindo sua perpetuação e seu aprimoramento (Ibidem).

Nota-se que a valorização e a continuidade desses repasses de saberes pelos artesãos é importante para a perpetuação da atividade artesanal, para a construção e manutenção de uma identidade social e cultural local, principalmente estando inseridos em uma sociedade que prega a fluidez das relações e das práticas.

3. METODOLOGIA

Nessa pesquisa, pretendeu-se estudar a comunidade de artesãos do distrito de Santa Rita de Ouro Preto, e seu subdistrito, chamado de Mata dos Palmitos, localizados no município de Ouro Preto. Por meio da metodologia qualitativa, buscou-se compreender o que motiva os artesãos a perpetuarem suas atividades na pedra sabão, as quais acontecem sob condições penosas, insalubres e precárias de trabalho. Ressalta-se que foram utilizadas as falas diretas dos artesãos para mostrar a percepção deles em relação ao trabalho realizado, e dar mais consistência aos resultados da pesquisa.

Para tanto, utilizou-se a observação direta, e, com relação às técnicas de entrevistas, fez-se uso, na primeira etapa de investigação, de um modelo de entrevista aberta e em profundidade, pois, no momento inicial da pesquisa, buscou-se conhecer o campo, as histórias e os problemas que emergiram dele.

Sendo a entrevista uma forma eficiente de interação social, sabe-se que nesse modelo de pesquisa “o informante é convidado a falar livremente sobre um tema, e as perguntas do pesquisador, quando feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (MINAYO, 2007, p. 64).

Torna-se importante ressaltar que a pergunta norteadora da primeira fase das entrevistas se baseou na compreensão das condições de trabalho dos artesãos, bem como sua relação com a pedra sabão e com o ofício. As singularidades do trabalho e as complexidades do meio mostram que é necessário buscar os saberes dos trabalhadores para construirmos outros saberes.

Na segunda fase do processo investigativo, após a análise dos dados obtidos na primeira fase, observou-se que a relação entre o artesão, a matéria prima e o ofício transcende o significado de penosidade. Dessa forma, uma nova pergunta de pesquisa emergiu: é uma escolha do artesão permanecer na atividade artesanal em pedra sabão?

Assim, nessa nova fase, utilizou-se entrevistas semiestruturadas, as quais têm como objetivo principal compreender os significados que os entrevistados atribuem às questões e situações relativas ao tema de interesse (GODOY, 2012). Esse modelo de entrevista, permite ao pesquisador desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo e mesmo existindo um roteiro, este não deve ser rígido (Ibidem).

Para iniciar a coleta dos dados, realizou-se 14 entrevistas abertas na primeira fase (duas mulheres e 12 homens) e 52 entrevistas semiestruturadas na segunda fase (seis mulheres e 47 homens), buscando conhecer o campo, as histórias e os problemas que deles emergiram. A proporção discrepante entre homens e mulheres se deve ao fato de a maioria das famílias entrevistadas terem as mulheres como coadjuvantes dos processos artesanais, participando apenas nos momentos de folga dos afazeres domésticos. Suas atividades ficam restritas aos acabamentos e às pinturas nas peças infeccionadas. Dentre as mulheres entrevistadas, uma tem 22 anos, e o restante com idade variando de 30 a 70 anos. Já os homens entrevistados têm idade entre 18 e 75 anos.

A análise dos dados obtidos aconteceu simultaneamente à coleta. Assim, as respostas relacionadas ao problema de pesquisa estudado começaram a emergir paralelamente à teoria. É o que chamamos de teoria fundamentada nos dados. Foram realizadas duas etapas de análise de dados, com subsequente criação de códigos e famílias de informações. Esse processo de codificação está descrito abaixo.

A partir da primeira análise dos dados, que se refere à microanálise das entrevistas, na qual cada citação dos artesãos é codificada, selecionou-se 548 citações, as quais, por meio da codificação inicial, geraram 74 códigos. Desses 74 códigos, selecionou-se 47, os quais apresentaram um maior número de citações pelos artesãos entrevistados.

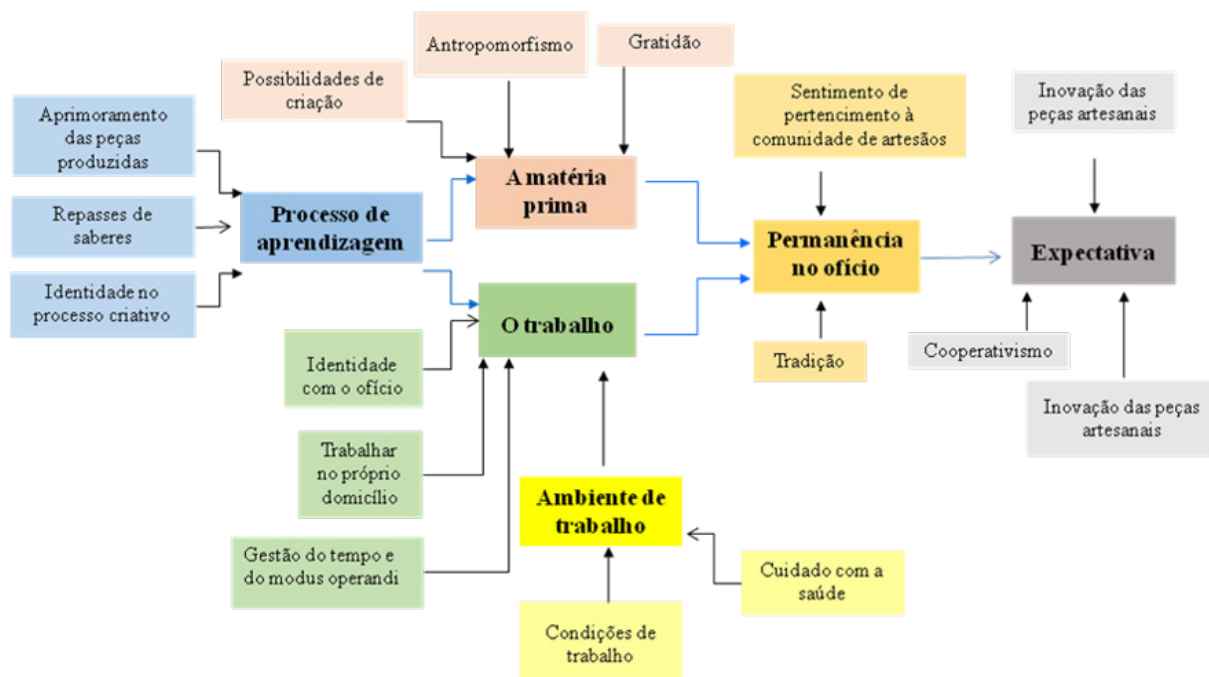
Para esses 47 códigos, criou-se cinco famílias: A pedra sabão, Processo criativo; O ofício de artesão, Dificuldades relacionadas ao ofício e Ambiente de trabalho, as quais foram apresentadas em ordem decrescente, conforme o número de vezes que seus códigos foram citados. Torna-se importante mencionar que os códigos também estão em ordem decrescente, pelo número de vezes que foram citados dentro das famílias.

A partir da segunda análise dos dados, que se referem à micro análise das entrevistas, na qual cada citação dos artesãos é codificada, selecionou-se 2.298 citações, as quais geraram 294 códigos. Desses 294 códigos, selecionou-se 126, os quais apresentaram um maior número de citações pelos artesãos entrevistados.

Para esses 126 códigos, criou-se nove novas famílias: Trabalho, Criatividade, Escolha, a Pedra, Dificuldades, Geração, Aprendizagem, Ambiente de trabalho e Necessidades, as quais são apresentadas em ordem decrescente conforme o número de vezes que seus códigos foram citados. Torna-se importante mencionar que os nomes dos códigos, tanto na primeira fase quanto na segunda, foram retirados das falas dos artesãos entrevistados, por isso não foi possível resumi-los em uma única palavra, a qual partiria dos meus pressupostos, preexistentes aos dados, e simplificaria as atribuições denotadas pelos artesãos às questões abordadas. Seguem, em ordem decrescente, os quadros com as famílias de códigos que emergiram.

A Figura 1 nos mostra as principais categorias que surgiram por meio da análise dos códigos gerados na primeira e na segunda fases. Foi possível observar que a categoria “Processo de aprendizagem” é central, uma vez que é por meio dela que todas as outras são construídas. Dessa forma, foi possível correlacioná-las entre si e com outras subcategorias que formaram, mediante os códigos analisados.

FIGURA 1 - RELAÇÃO ENTRE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS



Fonte: Chagas (2018).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A rotina do trabalho artesanal na pedra sabão não se distancia da vida familiar, a dinâmica da casa está atrelada às atividades na pedra, com as pausas para se alimentarem e descansarem, e à divisão do trabalho entre os homens e as mulheres, tais como as atividades da casa e da oficina e, ainda, o tipo de trabalho realizado na pedra por cada um deles. Vale ressaltar que cada família tem sua própria tradição no que se refere ao tipo de produto que estão produzindo.

As crianças permeiam esse *locus* de trabalho, onde, por meio das diversas brincadeiras infantis, o contato com a pedra sabão se inicia e, por meio dos relatos e olhares atentos nas oficinas, elas percebem as tramas do trabalho e da vida dessa primeira comunidade de prática, que é a própria família, da qual elas fazem parte. Essa comunidade de prática transcende as instruções e o ensino, requerendo que os novos integrantes se envolvam não somente com seus exercícios socioculturais, mas tenham, também, contato com os integrantes mais velhos e se inteirem sobre as atividades e as identidades que fazem parte dela, até que sejam aceitos (LAVE; WENGER, 1991).

O desejo de pertencer ao grupo implica no engajamento das crianças em atividades com a pedra, e são nas oficinas de trabalho, inseridas nos quintais das casas, que essas práticas acontecem. Assim, o trabalho, o contato, as histórias e as vivências com a pedra impregnam a vida do artesão desde seu nascimento: “Eu criei gosto na pedra antes de começar a trabalhar nela, (...)” (Fábio, 35 anos).

Nessa perspectiva, as lembranças da infância dos entrevistados sempre se remetem tanto ao ato de observar os membros mais velhos da família realizando a atividade artesanal, quanto ao contato direto com a pedra nas suas brincadeiras e, mais tarde, no contato com as ferramentas nas primeiras tentativas de criação: “Nossa relação com a pedra é de origem mesmo, desde novo a gente já vêm acostumando a ver pai trabalhar, tio, aí já começa a brincar com ela desde criança, aí a gente vai pegando a manha e vai aprendendo e já vai levando isso pra vida” (Cleiton, 28 anos).

Ratificando a discussão, os entrevistados enfatizam que, para “tornar-se artesão”, foi necessário esse contato com a pedra desde o início de suas vidas, processo que Sennett (2009) definiu como diálogo lúdico com os materiais físicos, por meio do qual as crianças vivenciam o contato com os materiais, influenciando suas habilidades e, por intermédio da imitação contínua, transformando-a em conhecimento.

Nesse sentido, o jovem aprendiz observa o comportamento do artesão mais velho e tenta reproduzi-lo. Após diversas tentativas e obtenção de sucesso, o processo de consolidação de tal conhecimento vai se instalando (BANDURA, 1977). Assim, o aprendiz vai aprimorando o movimento, contribuindo para o estabelecimento daquele conhecimento que resultará no sentido de auto eficácia, determinando que esteja pronto para executar com confiança determinado comportamento, que é esperado por outros artesãos e por ele mesmo (Ibidem).

A forma como a repetição é organizada proporciona um aumento na capacidade de sustentá-la e, conseqüentemente, implica no desenvolvimento e na ampliação da capacitação do artesão, mudando, portanto, o conteúdo daquilo que se repete (SENNETT, 2009).

Tem-se, logo, uma trama cujo processo de aprendizagem, caracterizado como categoria central dessa pesquisa, se entrelaça com os fios da história, do trabalho, do prazer, da realização, da identidade com o artefato criado e com o pertencimento àquela comunidade.

O trabalho é fator central na vida do artesão da pedra sabão, não existindo separação entre a vida deles e a vida no trabalho: “Sou aquilo que faço” (Nem, 37 anos); “Trabalhar com a pedra é a minha vida” (Nem, 37 anos); “Tá no sangue, a gente começa a fazer e vai soltando a imaginação” (Everson, 42 anos).

Os artesãos afirmam, de forma unânime, que a motivação para a realização do trabalho está atrelada à possibilidade de criação, à falta de monotonia relacionada às características da matéria prima, ao trabalhar ao lado da família, à possibilidade de controlar o tempo, os modos de execução e a própria produção, e, por fim, ao fato de manterem uma tradição, dando continuidade a um trabalho que foi realizado pelos seus antepassados.

Assim, o direcionamento da questão de pesquisa foi na tentativa de compreender o trabalho artesanal, tal como ele se constrói, com todos os seus saberes, e se relaciona à perpetuação dos artesãos nas atividades, bem como o movimento de saída e retorno dos mesmos para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto.

Existe, entre os artesãos jovens, um anseio de sair da localidade. Esse movimento está relacionado ao desejo de vivenciar outro tipo de trabalho, de terminar os estudos, ou surge como uma reação aos momentos de baixa vendagem dos produtos.

Experienciar todo o processo de aprendizagem: o contato com a pedra, com o ofício, desenvolvendo as habilidades, identidade, vivenciando histórias, valores e símbolos, desde a infância até se tornarem jovem aprendizes, faz com que o fato de estar predestinado a esse contexto se torne, posteriormente, uma “escolha consciente”, tanto por meio da relação que se estabelece com a pedra e com trabalho, quanto com a possibilidade de um futuro incerto longe da atividade artesanal, pois, dos 56 entrevistados (oito mulheres e 59 homens), apenas uma das mulheres tinha concluído o ensino médio. Já em relação aos homens, dois deles não tinham o ensino médio completo e a maioria era de técnicos em mineração, formados pelo Instituto Federal de Ouro Preto (IFMG).

Ao analisar, em uma escala micro, o que está por trás do trabalho artesanal, quais as relações estabelecidas e qual o papel do trabalho na vida de cada um deles, foi possível perceber que o processo de aprendizagem exerce um papel fundamental na construção das relações

que se estabelecem entre os artesãos, o ofício e a pedra. O processo de construção do saber traz como consequência a construção do próprio artesão nessa comunidade de prática.

Assim, a relação com a atividade laboral se torna central na vida dos artesãos e do próprio núcleo familiar, de forma que as penosidades relacionadas ao trabalho árduo, com altas jornadas, podendo lhes causar dor, sofrimento e desconforto, além das precariedades tanto dos espaços de trabalho quanto das ferramentas utilizadas, não se configuram, sob o olhar desses artífices, como um entrave para a realização do trabalho. A relação que eles possuem não somente com o ofício, mas com a própria pedra, transcende essas dificuldades: “O trabalho com a pedra, ao mesmo tempo que é cansativo, é prazeroso” (Hubert, 22 anos); “É cansativo, mas vale a pena, porque senão, o tanto de gente que tem aqui e que trabalha com ela não continuaria, é satisfatório demais” (José, 64 anos).

Assim, é possível reiterar o caráter central desse ofício na vida dos artesãos mediante a importância dada a características como trabalhar perto ou com a família, onde o cotidiano familiar e o lazer se misturam à rotina de trabalho nas oficinas, e ser sujeito ativo tanto do processo de criação quanto na perpetuação de uma atividade considerada secular na região, e de grande importância econômica e cultural para as gerações passadas e atuais. Os artesãos consideram fundamentais essas características para o exercício do labor, implicando na consolidação dos laços existentes entre o artesão, a pedra e seu trabalho.

São esses laços do cotidiano, que se iniciam na infância com o contato, os repasses e a construção dos saberes, que forjam o artesão. Esse processo de aprendizagem é, portanto, responsável pelo “tornar-se artesão” dentro das comunidades de prática pelas relações estabelecidas. Dessa forma, mesmo considerando que vivenciar o processo artesanal, apreendendo suas técnicas e histórias na infância não seja, a princípio, uma escolha, o “tornar-se artesão”, mediante os laços construídos e a permanência na atividade, já na fase adulta, se configura como uma escolha feita por eles.

Mesmo assim, constata-se que existe, quando ainda jovens, o desejo de saírem da localidade, de complementarem os estudos e de vivenciarem outros cotidianos. No entanto, após concluírem essa etapa de educação formal e vivência em outros trabalhos, todos os artesãos entrevistados retornaram para as atividades em pedra sabão. Ao questioná-los sobre o retorno para a localidade, eles afirmam que não encontraram trabalho que lhes proporcionassem prazer, alegria e identificação como o artesanato em pedra sabão lhes proporciona, mesmo considerando as dificuldades que cercam essa atividade laboral.

Levando em conta o fato de que o artesanato em pedra sabão é constituído por famílias de artesãos de baixo poder aquisitivo e de baixa formação escolar, ao indagar os novatos se gostariam de ter alguma profissão, a qual dependesse diretamente da educação formal, eles são categóricos em responder que não, tal que o desejo é buscar parcerias que possibilitem a maior divulgação e venda dos seus produtos e da região, de forma que consigam aumentar a renda e perpetuar seus fazeres artesanais.

Portanto, o movimento de saída está atrelado tanto aos anseios dos jovens em vivenciarem outros cotidianos e saberes, quanto com os momentos de baixa nas vendas dos artefatos artesanais, que os obrigam a buscar outras fontes de renda.

Nota-se que permanecer na atividade artesanal em pedra sabão se torna uma escolha quando se deparam com a imprevisibilidade do futuro e com condições de trabalho que não superam àquelas que o artesanato em pedra sabão oferece: “Já saí, trabalhei fora, voltei, tô aqui de novo, eu gosto, acho uma profissão bacana” (Vicente, 66 anos); “Eu fiquei um tempo fora e voltei. É questão de gosto mesmo. Pra mim, é uma honra mexer com ela” (Maicon, 28 anos).

Os artesãos entrevistados desejam manter-se neste trabalho, mesmo que sejam em momentos relacionados ao lazer, pois está entranhado neles o contato com a pedra e tudo que ela lhes proporcionou e pode continuar lhes oferecendo: “A pedra me deu tudo” (Dona Cecília, 70 anos); “A pedra me ajudou a criar meus filhos” (Reginaldo, 54 anos); “Eu voltei pra pedra, porque é onde você consegue expressar uma coisa que você sente, justamente numa escultura, até mesmo na forma que você trabalha” (Rulielber, 45 anos); “Meu menino tem 17 anos e tá no IFMG, hoje ele falou que se tiver a possibilidade de trabalhar com a pedra e ter uma renda, que ele não procuraria outro ofício” (Claudinho, 50 anos).

Pode-se afirmar que o processo de construção do saber traz como consequência a construção do próprio artesão nessa comunidade de prática, pois esse processo implica na concepção das relações que eles estabelecem com a pedra, ainda na infância, e com o trabalho. Essas relações propiciam o desenvolvimento das habilidades manuais e da criatividade de cada um deles, sendo elas fonte de prazer na execução das atividades artesanais, além de estabelecerem as identidades com o *labor* e com a comunidade em que estão inseridos, criando as tramas que se fortalecem durante toda a vida e propiciam o retorno dos artesãos para a pedra, perpetuando, assim, a atividade artesanal na região.

Ressalta-se, mediante a fala dos artesãos, que, mesmo quando têm que administrar sua criatividade e habilidade em prol das tendências do mercado, norteando seu trabalho ao caráter econômico ao produzir seus artefatos pelas demandas dos clientes, a atividade artesanal continua imbuída de prazer e realização para todos eles: “Ficar sem esse trabalho dá tristeza demais” (Pedro, 69 anos); “eu acho que assim, que a gente não consegue ficar sem isso aqui não, se eu ficar assim sem minha pedra eu prefiro morrer” (José Santana, 54 anos).

Dentro dessa análise da importância e sentido do trabalho na vida do artesão, temos, também, sua relação com a pedra, na qual existe tanto uma gratidão, quanto uma relação antropomórfica: “A pedra é tudo. É a minha fonte financeira. É meu serviço. É minha vida” (Reginaldo, 54 anos; José Santana, 70 anos; Fernando, 63 anos); “A pedra fala com a gente o que dá pra fazer” (Maria Rosa, 57 anos).

Por fim, torna-se importante mencionar, parafraseando João Cabral de Melo Neto, no poema “A Educação Pela Pedra”, que existe uma educação pela pedra, por meio da pedra, tal que é com ajuda da relação que estabelecem com a matéria prima, que toda a trama entre trabalho e sujeito se constroem e se estabelecem:

Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). A lição de moral, sua resistência fria ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la. Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma. (NETO, 1979)

Qualquer versão teórica produzida ofereceu um retrato interpretativo do fenômeno estudado e não um quadro fiel dele, pois o pesquisador define aquilo que é significativo nos dados, segundo o que ele observa, descreve e o que ele pensa que está ocorrendo (CHARMAZ, 2009).

O pesquisar é, então, ação política na medida em que se engaja em um projeto de vida, singular e coletivo, é a nossa intervenção. Ele é um processo de criação de um novo texto e de (re)criação de si (ZANELLA, 2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

São nos núcleos familiares que os saberes, as habilidades, a criatividade e, portanto, a identidade se constroem e se consolidam, transformando o jovem aprendiz em artesão e criando uma trama na qual essas relações se concretizam, sendo esse um trabalho permeado de satisfação e orgulho por perpetuar um saber-fazer secular, que foi aprendido com seus antepassados.

É nesse núcleo familiar, nesse contato, no olhar sobre o trabalho do outro, nas histórias contadas e vividas e num processo geracional permanente de troca de saberes que nasce o artesão e o desejo de imortalizar não somente a si mesmo nas obras produzidas, mas toda uma geração familiar que nasceu e viveu da pedra e para a pedra.

O movimento de saída dos jovens é o fato que os artesãos atribuem maior relevância quando questionados acerca dos receios e dos medos que os afligem no que tange à continuação do trabalho artesanal na localidade. Nesse sentido, torna-se importante salientar que não se trata aqui da escolha entre oportunidades de trabalho, pois para eles inexiste, fora do artesanato, outro ofício que esteja imbuído de história, identidade, criatividade, satisfação e possibilidade de gerenciamento do tempo e das atividades, além do fato de trabalharem junto ou próximos à família. Então, pode-se dizer que a saída da localidade, quando acontece, está atrelada a uma necessidade de complementação da renda nos momentos de poucas vendas, e à vontade de alguns deles de acrescentarem seus estudos.

Assim, torna-se importante enfatizar que, dentre os entrevistados, nenhum deles deseja deixar o ofício e, se já o fizeram, foi apenas por questões financeiras. Eles lutam para permanecerem, lutam sozinhos, buscam parceiros e estão abertos para as instituições que chegam. É uma luta solitária, na qual o desejo de permanecer e dar continuidade ao trabalho artesanal só existe porque eles nasceram nessa comunidade de prática, permeados pela presença da pedra e do significado desse trabalho para seus antepassados.

Os entrevistados enfatizaram, também, a importância da possibilidade de dar voz ao sujeito da ação, o próprio artesão, o que permitiu aos entrevistados expressarem tanto a importância da atividade em suas vidas, quanto a relação com o trabalho e com a matéria prima: “Quem bom que a gente tá podendo falar da gente, do que a gente faz, da pedra, da nossa vida e dos nossos problemas” (Lourival, 47 anos).

A relação entre o artesão, a pedra, o trabalho e a construção de uma identidade com o ofício nos mostra que trabalhar com o mineral transcende as penosidades e as dificuldades oriundas do artesanato, exercendo uma centralidade fundamental na vida do artífice, coexistindo, assim, o sentimento humano de imortalizar a própria obra e a si mesmo, num tempo e espaço específicos.

Quando o artesão entra em contato com a pedra sabão, quando toca a rocha, é como se o saber se despertasse em comunhão com a pedra. É o fazer, o ser e o tempo em um mesmo momento. O fazer mediante suas habilidades técnicas e criativas, o ser em uma entrega de sentidos e vida ao que é feito, e o tempo, que constrói e reconstrói o mestre, imbuído de história, experiência, erros, e acertos (NASCIMENTO, 2012). É a mão moldando a rocha e se confundindo, por vezes se tornando rocha, por vezes movimento e por vezes instrumento.

Assim, a pesquisa, por meio do nosso olhar, das nossas indagações, dúvidas e proposições, alterou aquele cotidiano, possibilitando aos artesãos um olhar para si, para suas relações com a matéria prima e com o ofício, implicando na compreensão e reflexão de seus saberes e das complexidades, habilidades e criações atreladas a eles, além dos seus limites, dificuldades e anseios.

Além disso, possibilitou um olhar que transcende os artefatos em pedra sabão produzidos no distrito de Santa Rita de Ouro Preto, pois permitiu entender toda a complexidade que envolve a relação entre o artesão, a matéria prima e o ofício, bem como os fatores que constroem e consolidam essas relações, tais quais o processo de aprendizagem e repasse de saberes geracionais, a construção dos processos criativos, as alegrias, as tristezas, os movimentos cíclicos de saída e retorno para o distrito, as dificuldades que advém do ofício, e, portanto, a perpetuação da atividade artesanal na pedra sabão até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Ada A.; LIMA, Francisco de Paula Antunes. A contribuição da ergonomia para a identificação, redução e eliminação da nocividade do trabalho. **Patologia do trabalho**, v. 2, p. 1767-1789, 2003.

BANDURA, Albert. **Social learning theory Prentice Hall**. Englewood Cliffs, NJ, v. 247, 1977.

BEZERRA, Olívia. Maria. de Paula. Alves. **Condições de vida, produção e saúde em uma comunidade de mineiros e artesãos em pedra-sabão em Ouro Preto, Minas Gerais: uma abordagem a partir da ocorrência de pneumoconioses**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária, Belo Horizonte, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR 15 - Atividades e Operações Insalubres**. Portaria MTb nº 3.214, 8 de junho de 1978. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-15-nr-15> Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. 23 out. 2015. Seção 1, p. 2. Brasília, DF. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/10/2015&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=176> Acesso em: 20 set. 2018.

CHAGAS, Tays Torres Ribeiro das. **Aqui a Pedra tem vida: um estudo sobre o artesão da Pedra Sabão**. Tese (doutorado). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2018.

CARVALHO, Daniel Santos de. **Atividade artesanal e o processo de significação do trabalho**. 2016. Dissertação de Mestrado. Brasil.

CASTILHOS, Zuleica C. et al. **Trabalho familiar no artesanato de pedra sabão-Ouro Preto, Brasil**. Gênero e trabalho infantil na pequena mineração, p. 168, 2006.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

CHITI, Jorge Fernández. **Artesanía: folklore y arte popular**. Ediciones Condorhuasi, 2003.

COLOMBRES, Adolfo. **Sobre la cultura y el arte popular**. Ediciones Colihue SRL, 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 29-37, 2007.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; CAVEDON, Neusa Rolita; FISCHER, Tânia Maria Diederichs. **A vitalidade artesanal da gestão contemporânea**. 2012.

DEJOURS, Christophe et al. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, Thaís Barbosa; HELAL, Diogo Henrique; DE PAIVA, Kely César Martins. Artesanato, aprendizagem social e comunidade de prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 12, n. 1, 2016.

FISCHER, T.; SOARES, R. Aqui Aprendeu da Mãe que Aprendeu da Mãe: Memórias e Significados do Artesanato no Território do Sisal (Bahia. XXXIV EnAnpad–Encontro da ANPAD). **Rio de Janeiro, Brasil: Anais**, 2010.

GODOY, Arilda. Schmidt. **Estudo de caso Qualitativo**. São Paulo: Saraiva, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 1992.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: Legitimate peripheral participation. Cambridge university press, 1991.

MAGALHÃES, Aloísio; LEITE, João de S. **E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MATSUSAKI, Bianca do Carmo. **Trajatória de uma tradição**: renda de bilros e seus enredos. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo**: contexto de observação, interação e descoberta. Petrópolis: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Luísa Mahin Araújo Lima. Saberes e fazeres na construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. **Revista Inter-Legere**, n. 10, 2012.

N|ETO, João. Cabral de Melo. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

OLIVEIRA, Josiane Silva; CAVEDON, Neusa Rolita; DE FIGUEIREDO, Marina Dantas. O artesanato na ótica de quem o produz: com a palavra os artesãos do Brique da Redenção em Porto Alegre. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, 2012.

PERALTA, Juan. Ahumada. **Desarrollo del sector artesanal**. In P. Vergara (Ed.) Desenvolvimento Econômico Territorial e Emprego-Documento de Base: II Seminário Internacional Dete. Fortaleza, 2005.

RIBEIRO, Rodrigo. Tacit knowledge management. **Phenomenology and the cognitive sciences**, v. 12, p. 337-366, 2013.

Salgado, Mara; Franciscatti, Kety Valéria Simões. Contraponto entre arte, artesanato e trabalho: a falsa diferenciação e a atrofia da fantasia. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, p. 284-296, 2011.

SANTOS, Thiago de Souza; MACHADO, Rosa Teresa Moreira; DE CASTRO, Cleber Carvalho. **O Sentido do Trabalho em um Setor Fragmentado**, 2011

SATO, Leny. **A representação social do trabalho penoso**. O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social, v. 2, p. 188-211, 1993.

SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. **Roberto Cataldo Costa**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, p. 19-45, 2011.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record. 2009.

SOARES, Rodrigo Maurício Freire; SILVIA Maria Bahia Martins; FISCHER, Tânia. **Aprendizagem feita à mão: a experiência do Projeto Maestria em Artes e Ofícios Populares.**” APRENDER SE APRENDE APRENDENDO: construção de saberes na relação entre universidade e sociedade. CIAGS/UFBA, 2009.

VERÍSSIMO, Mariana. Elementos para construção da noção de saber investido/Elements for construction of invested know concept. **Trabalho & Educação**, v. 24, n. 2, p. 295-313, 2015.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge university press, 1999.

ZANELLA, Andréa Vieira. Reflexões sobre a escrita da pesquisa como tecnologia de (re) criação de si. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 11, n. 1, 2008.

Recebido em: 13/08/2021

Aceito para publicação em: 15/05/2023